

José Lins do Rego: um guia brasileiro de Israel

The Israel Brazilian's guide: José Lins do Rego

Glauber Pereira Quintão *

Resumo: Este artigo procura analisar, de forma crítica, o livro de José Lins do Rego, *Roteiro de Israel*, 1955. Busca-se destacar duas facetas suplementares: a de um olhar poético e a de uma preocupação ético-política lançados pelo escritor sobre a construção do novo Estado de Israel. Observa-se também, uma relação entre os signos da modernidade e das histórias arcaica judaicas. Para isso, usa-se o conceito de palimpsesto, de Gerard Genette, e de *flâneur*, de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Israel. Viagem. José Lins do Rego.

Abstract: This article aims to analyze critically the book of José Lins do Rego, *Roteiro de Israel*, 1955. It seeks to detach two supplemental aspects: a poetic view and ethical-political concerns took by the writer about the construction of the new State of Israel. It is also observed, there, the relation between the signs of modernity and archaic Jewish stories. For this, the concept of palimpsest, Gerard Genette, and *flâneur*, Walter Benjamin is used.

Keywords: Israel. Travel. José Lins do Rego.

A leitura de *Roteiro de Israel* é uma viagem guiada pelas mãos poéticas de José Lins do Rego pelas paisagens do novo-velho Israel. O leitor viaja, portanto, com a pena do escritor ao ano de 1955. Israel é então um país com menos de dez anos. Todas as energias e toda a fé se voltam para sua construção. Estranhamente, a faina que envolveu esse momento parece ter começado muito antes, nos desertos das histórias e das poesias bíblicas.

Sabemos que os judeus, em sua incessante diáspora, apresentam sensíveis diferenças culturais entre si. Conforme o lugar em que pousavam, assimilavam traços, aqui de uma cultura, ali, de outra. Disso resultou uma diversidade vertiginosa de peculiaridades culturais, lingüísticas, sociais, econômicas. A distância entre essas comunidades às vezes era tão intensa que somente a partilha de uma história de sofrimento parecia capaz de fazer convergir tantas diferenças: Israel.

José Lins do Rego procura acessar as camadas mais finas, os textos e entreteceduras que formaram o solo por onde viaja: não supõe, por assim dizer, que, em Israel, o asfalto esconda a terra, ou seja, que as novas camadas anulam as antigas. Pelo contrário, Israel é exemplar na arte de fazer com que as camadas mais antigas ainda possam ser tocadas ou percebidas, diz o nosso guia-escritor: "O que é novo em Israel não é novo para desfigurar a tradição de milênios. O progresso não é uma sobreposição de camadas sobre o que se imagina que é o velho" (REGO, 1955, p. 7). Desse modo, era possível recuperar, mesmo que parcialmente, a paisagem milenar sob construções modernas que ali então se erigiam.

Assim, José Lins apresenta uma espécie de palimpsesto em que a camada mais à superfície não impede, mas supõe a leitura de lhanuras mais profundas. Com seu viés poético, nosso guia, estranho em Israel, podia ouvir o diálogo entre a tradição e a modernidade que sedimentou o solo espesso de Israel e que, segundo o escritor, recebia novas pegadas, índices, suspiros, suores, marcas, signos e sonhos. Segundo Gérard Genette, "Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo" (GENETTE, 2005, p. 5). Entretanto, ali, em Israel, por onde se alastravam as marcas de algumas das cidades mais antigas do mundo, era possível deslocar essa percepção, isto é, o

texto que seria o mais antigo não aparece sob, mas simultaneamente aos signos da modernidade, como se a leitura/escritura de José Lins fosse sempre por transparência, não sucessiva.

Nós, leitores, encontramos no *Roteiro de Israel* a presença de dois tempos, o passado longínquo das antigas histórias e um passado que é, na verdade, o presente no qual se situa a própria viagem de José Lins. Talvez aí esteja uma consciência ou quase-consciência de que os textos se escrevem todos numa dependência do passado, de um longo passado que se acumula em milhões de camadas para formar esse texto casual. Como veremos adiante, justamente a perspectiva política é responsável por conferir ou realçar essa interdependência, ao menos, tal como ela se dá no *Roteiro*.

Aproximemos alguns teores do *Roteiro de Israel* a certas idéias de Walter Benjamin. Em *Passagens*, por exemplo, Benjamin fala de uma revolução no modo de se conceber e fazer história:

A revolução copernicana na visão histórica é o seguinte: considerava-se como o ponto fixo “o ocorrido” e conferia-se ao presente o esforço de se aproximar, tateante do conhecimento desse ponto fixo. Agora esta relação deve ser invertida, e o ocorrido, tornar-se a reviravolta dialética, o irromper da consciência desperta. Atribui-se à política o primado sobre a história (BENJAMIN, 2006, p. 433).

Ora, ao tomar o passado dando primazia ao contorno político, notamos que José Lins assume esta mesma postura benjaminiana, por assim dizer, atual e atuante do passado. Em conformidade com tal proposta de se fazer história, José Lins está fora do “sono” que acredita no progresso, nessa teleologia fracassada; fora do texto absoluto que teria como principal evidência os rumos e os resultados da ciência e da civilização. Pelo contrário, a leitura/escritura que José Lins faz de Israel não supõe o passado como ponto fixo que se atingiria com o esforço de despir-se dos signos do presente. (Note-se tratar aqui apenas de aproximação entre aspectos que nos parecem convergentes entre os projetos dos dois escritores acima citados, com várias diferenças apontadas, sobretudo a diferença de fôlego teórico e arquivístico observado incomparavelmente em maior medida em Walter Benjamin).

Os textos do *Roteiro de Israel* foram originalmente publicados no jornal *O Globo* como uma série de crônicas sobre a viagem que o escritor fez a Israel em agosto de 1955. Nesse mesmo ano, foram reunidas em livro pelas Edições do Centro Cultural Brasil-Israel. Segundo o escritor, as crônicas foram organizadas e publicadas por amigos que teriam admirado suas palavras e tudo o que escreveu sobre o novo país. Em nota introdutória, o Centro de Cultura Brasil-Israel declara que:

(...) julgou de seu dever perpetuar, neste livro, as crônicas em que José Lins do Rego fixou, na imprensa diária, as suas impressões de Israel. A homenagem, se homenagem há, é menos a José Lins do Rego, do que ao espírito que une uma das mais novas culturas, a brasileira, à milenária cultura da mais jovem nação do mundo.

Israel e seu esforço criador, em meio ao *sea of troubles* da sua extraordinária história contemporânea, são vistos, nestas páginas, pelos olhos cultos e novos do grande escritor, com a generosidade lúcida e o equilíbrio harmonioso da inteligência e da sensibilidade brasileira (REGO, 1955, p. 5).

O Centro de Cultura Brasil-Israel, no prefácio, observa, de algum modo, que as crônicas de José Lins do Rego não se restringem a uma percepção de interesse meramente pessoal dos dias em que o escritor teria passado por aquelas terras do Oriente Médio. Portanto, antes de ser uma homenagem ao escritor, homenageia-se o texto que resulta do encontro de duas tradições, de duas culturas: a

incipiente cultura brasileira e a milenar cultura judaica, além da expressão de novas tendências para o novo Estado de Israel. As marcas do escritor, estas sim dignas de nota, dizem respeito ao seu olhar, mas apenas à medida que ele fala a partir de uma tradição e de certa forma estética de elaborar seu texto; apenas como operador e sintetizador de textos e imagens. Outra vez, isso expressa o cuidado político do escritor e do Centro Cultural. Afinal, o texto de José Lins, tal como propõe Benjamin,¹ tem essa visada objetiva, mas sem a ingenuidade de que possa haver o objeto puro. é então que se deveria tomar partido pela objetividade que pareça politicamente melhor. Assim, é certo que a melhor objetividade, para nosso guia por Israel, deve passar pela elaboração estética.

José Lins não está interessado em nos mostrar logo o *souvenir* que, como leitor-consumista e turista voraz, poderíamos adquirir imediatamente para podermos retornar a nossa casa-mesma, Brasil: o *souvenir* talvez favoreça mais o esquecimento do que a lembrança. Ele não é, pois, um guia para os típicos turistas provenientes das grandes metrópoles pós-modernas.

Definitivamente, não se encontra em suas crônicas a ânsia por vender uma imagem: antes, o sabor da diferença cultural, geográfica, linguística; o caminhar atento, a contemplação demorada do manancial infinito, quase ubíquo de sua cultura antiga, porém viva. Em apenas uma frase de José Lins do Rego há uma concentração vertiginosa de milênios de narrativas e de símbolos fortes que nele eram suscitados através de sua viagem: “Aquela era a cidade da Arca de Davi, das colunas de Salomão, dos padecimentos e glória de Cristo” (REGO, 1955, p. 11).

A capacidade que o escritor possui de eleger, a partir de seu vaguear pelas ruas, paisagens ou imagens de memória, nos lembra o *flâneur* benjaminiano, como em: “Um rapaz moreno tocava guitarra para duas moças, vestidas de século 20. Não respeitavam o *sabbath* sagrado. Descia uma luz de sol alcoviteiro sobre o pecado contra as leis de Deus” (REGO, 1955, p.25). Essa duplicidade e proliferação de signos modernos e arcaicos em agonia são típicos ao caminhar do *flâneur*, segundo o próprio Benjamin, conforme se lê em:

O solo sobre o qual ele caminha, o asfalto, é oco. (...) o gás que incide sobre os ladrilhos lança uma luz ambígua sobre este solo duplo. A figura do *flâneur* avança, como que impelida por um mecanismo de relógio, pela rua de pedra como o seu chão duplo” (BENJAMIN, 2006, p. 959).

Contudo, José Lins não caminhava pela Paris do século XIX, nem era, talvez, um *flâneur*, *stricto sensu*; José Lins não destacava o poder de mudança das passagens, das vitrines, dos espelhos ou do *boulevard*. Seu caminhar está em sintonia com Israel de agosto de 1955, das lhanuras em dialética sem síntese; do solo-palimpsesto de resíduos/ruínas agonísticas em relação às intervenções da modernidade; da tensão entre as culturas judaicas, árabes, cristãs:

A cidade de acre nos dera uma imagem da vida rudimentar dos árabes. O burgo se aglomera à beira do mar. Os largos muros de pedra sobem alto e de lá se descortina a entrada da barra. (...) À porta da mesquita dormitam os fiéis de Maomé, gente do povo atrás de sabedoria do Alcorão. (...) Toda a cidade desprende um cheiro esquisito de coisa abafada. Estamos em outro mundo, naquele pedaço do oriente grudado nas margens do mediterrâneo.

O automóvel rodava pela estrada. Rebanhos de carneiro enchem o caminho, com o pastor de cajado a nos olhar como se fôssemos de outro mundo. Depois, foi o Monte das Oliveiras, a terra que bebera o suor da agonia. As velhas árvores de milênios ouviram os gemidos de Deus. Deus como um

homem a sentir no corpo o tormento da hora da morte. Soprava nos galhos a ventania da tarde. O franciscano que nos acompanhava queria falar-nos dos Evangelhos. Mas eu só ouvia o gemer do vento, que era um lamento humano (REGO, 1955, p. 27 e 36).

Essa citação indica que a metáfora do solo-palimpsesto deve ser ampliada, já que ela – a metáfora – nos faz ver apenas a superposição de dois textos, um que estaria acessível pela superfície e outro que se deixa ler por transparência. Pelo *Roteiro*, por seu turno, leríamos a transparência a se confundir com o texto superficial. Isso faria de Israel não a superposição estanque de dois textos; pelo contrário, uma dialética tensa, produtiva ou destrutiva, de todo modo, viva. A recombinação dos signos em novos textos deve ser um manancial de muitas possibilidades como forma especial de se ler, ou de se caminhar. Se as tensões denunciam a impossibilidade de síntese, a percepção de que signos antigos recubram a paisagem moderna nos dá a pensar um palimpsesto que se desdobra, não linearmente, nem em progresso, mas em possibilidades imprevisíveis. O Alcorão, a Bíblia cristã, a Torá seriam exemplos desse texto raspado abrindo-se às recombinações com o texto da modernidade, que atravessa escritores como José Lins do Rego, em novas tramas. O que se salienta, todavia, é não se notar precedência do antigo em relação ao novo, mas simultaneidade, encontro.

José Lins atenta para o fato de que, para além do sagrado, outros aspectos envolvem a topologia do jovem país, como a geografia das palavras, mas também de conflitos. A figuração de inúmeras batalhas, por exemplo, deixaram, por ali, suas marcas. Mesmo então, as batalhas ainda não se exauriram. Os judeus sofreram e ainda sofriam em disputa com outros povos:

Há mais de dois mil anos que sobre Jerusalém caíram as fúrias do destino. Por aqui passaram os gregos, as legiões romanas de Tito, os exércitos das cruzadas, as hostes mulçumanas. Até as pedras choraram e de tanto chorar foram ficando em cima da terra como lágrimas cristalizadas. Pedras sobre pedras (...).

De vez em quando a carcassa (sic) de um tanque de guerra de libertação aparece à beira da estrada como ossos de um crime preparado pela malignidade dos homens (...).

Do terraço do hotel podemos ver o outro lado da fronteira. A cidade velha permanece quase toda nas mãos dos árabes. (...) O vale do inferno separa os dois poderes políticos. (...) A duzentos metros está a terra santa de Cristo. Mas, metralhadoras árabes nos embargam os passos (REGO, 1955, p. 10-11).

As paisagens de tensão e de continuidade da história de batalhas que encontram expressão nas Escrituras são descritas por um narrador empenhado em delinear um mapa. Como sabemos, inúmeras guerras (fictícias ou não, de todo modo, reais) marcaram a busca pela Terra Prometida. Moisés, líder no início dessa busca de conquista, morreu antes de adentrar a Terra e, depois dele, as batalhas não cessaram. Josué teria sido um grande guerreiro empenhado na conquista de Jericó e na batalha contra os cananeus. O fio da espada desliza sem fim na Torá. A batalha é sinalizada, por José Lins, como perpetuação, como falha na realização de um futuro prometido pelas Escrituras. Reconhecemos pela citação acima o registro histórico de combates que teriam outrora atravessado a região; carcaça de tanques de guerra como vestígios de violência de um passado próximo; e ainda as metralhadoras que embargam, no presente, a caminhada desejosa de paz e de tranquilidade.

Há quem desdenhe da realidade das narrativas Sagradas e diga que a menção aos “fatos” bíblicos seja estratégia ideológica que pretenderia, por exemplo, justificar a guerra entre árabes e judeus. Esses

detratores da fantasia afirmam que tal perspectiva careceria de embasamento histórico, de fundamentação científica, esquecendo-se, talvez, de que os problemas da vida ultrapassam de longe as questões da ciência. Eles não percebem que a denúncia de uso ideológico supõe uma linguagem absoluta com conseqüências muito mais fechadas e intolerantes do que a exegese dos cabalistas em sua busca, sempre fracassada, pela totalidade.

O que nosso guia faz, sem entrar no mérito da questão sobre a realidade, sobre o estatuto ontológico da ficção e sua repercussão na ou como realidade, é nos mostrar incontáveis ecos, reflexos, representações, resquícios, sonhos, ruínas e fantasias de uma tradição milenar narrada pelo Livro. Não se suponha aqui a defesa de uma leitura que resguarde por uma semântica literal. Aceitar a realidade da ficção nada tem a ver com o fechamento de sua leitura, mas, sim, significa reconhecer que ela pode interferir – e de fato interfere – na realidade humana. Ora, é evidente que a vida humana cria-se pela fantasia ou conduz-se por ela quase sempre.

Tratava-se, pois, de um espaço de divergências em que se estabelecia uma nova configuração de limiares junto aos antigos: um contorno para Israel no mapa do Oriente Médio. A conquista da Terra Prometida continuava sendo marcada também, ou ainda, pela batalha, para além do empenho de construir e fertilizar o deserto, da disputa entre irmãos. Tratava-se de uma reconquista. Era preciso negociar, lutar (não cabe neste ensaio julgar a polêmica qualidade desses combates, sua justeza ou não) e sabemos que Israel inclina-se muito mais para a negociação do que para a luta. Registramos apenas a perspectiva tomada por José Lins, no *Roteiro de Israel*. Sobre a questão dos conflitos, ele apenas relata ou descreve, lastimando, alguns fatos, sem perder de vista a tradição das narrativas bíblicas. Não obstante, observadas essas marcas da violência, José Lins do Rego recuperou a beleza e lança um voto sereno aos judeus de então:

O céu está coalhado de estrelas. O monte Sião se concentra na escuridão. Mais longe o 'muro das lamentações' permanece deserto. Aos velhos rabinos de barbas, aos jovens de cabelo de cachos, às mulheres de preto, não se deixa que derramem no solo dos profetas as lágrimas que hão de vingar as terras do Senhor (REGO, 1955, p. 11).

É frequente nas crônicas uma espécie de sintonia cósmica, como se vê acima, em que o narrador parece recuperar a paz. O mundo superior das estrelas, como um reduto do transcendente e do silêncio. A alma religiosa de Israel reflete-se, em alguns momentos de agonia, no *Roteiro*, como momento de oração.

Por vezes, a premência das necessidades presentes não permite, ao povo israelense, viver apenas das poesias sagradas. Não são apenas o sonho e o afeto os únicos motores daquela construção: há também uma urgência pesada e árida como o deserto. Necessidades básicas, como de água potável, poderiam ser o único princípio de seu empenho, se não fosse amortizado pelo próprio amor da identificação com a "história judaica" – por mais que seja difícil delimitar o significado de tal termo, indiscutivelmente ele significa e produz efeitos, mobiliza, congrega. Como se pode verificar na citação abaixo, os signos da tradição, em certos momentos, parecem não encontrar lugar:

A primeira impressão que nos dá o Estado de Israel não é a de uma civilização velha que se contenta com o passado. A história do povo eleito permanece no livro sagrado, mas é o presente que mais lhe conta, com todas as suas terríveis preocupações. A realidade dura age sobre os homens como um aguilhão. Para a vida do país, pensar é tomar contato íntimo com as suas necessidades. (...) Por isto, o judeu de hoje, que edifica sua pátria, nos parece um homem sem férias. (...) A terra que foi o vale da promessa reduzira-se a

um deserto generalizado. Era preciso transformar este deserto. E isto vai se fazendo com a energia de gigante (REGO, 1955, p. 12).

As necessidades básicas atuam como um agulhão e parecem anular, por assim dizer, momentaneamente, os textos subjacentes, como se a dor do presente fosse tão pungente que o passado se esvanecesse. Tal anulação, contudo, equivale apenas ao momento da dor, que não deve ser entendida como o único móbil na criação do novo país.

As crônicas de José Lins do Rego reafirmam a convicção de que Israel é uma conquista não apenas para o povo judeu; nem se lhe deve julgar como mera e impossível recompensa pelo massacre ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial – pela hedionda *Shoah* –, mas configura-se como uma conquista para a própria forma de se conceber a política, que encontra nesse país um grande exemplo:

A conquista de Israel em matéria política é um exemplo de compreensão humana, de ajustamento do homem aos seus deveres. A democracia que se formou em terras dos profetas não simula a verdade atrás de figurações de palavras e mitos. O que acontece em Israel é que o homem é mesmo o centro de sua política. E não as aberrações teóricas, a fabulação ideológica. O Governo não se constitui para arrancar da criatura a sua condição fundamental. O Governo não é uma mentira no poder. E, sim, uma vontade de servir (...) é preciso tomar Israel como uma lição (REGO, 1955, p. 7-8).

O jovem país não se contenta com a suposta vitória de ter para si aquele quinhão de terra como se adquirisse uma coisa. Há, ao contrário, como se pode constatar na vitalidade construtora que governa o novo país, uma diáfana camada de sonho e afeto que o perpassa de canto a canto. O novo Estado também dá mostras do uso exemplar da ciência a serviço do bem, contrastando, assim, com as sombras daquela outra ciência que, se dizendo desinteressada e objetiva, proveu a II Guerra de armas com potencial de destruição jamais visto. José Lins do Rego aponta para o progresso de uma ciência politizada cuja ética constrói bases sólidas para as relações humanas:

Pedras foram arrancadas e, através de plataformas furadas no dorso duro da serra, conseguiram os técnicos restabelecer a fecundação. Vinhas e laranjas se grudam aos rochedos como se fossem acrobatas de circo. A água se espalha pelos canos em esguichos que rodam no ar. (...) O deserto mudava de vestimenta. O verde vai tomando conta do cinzento de crocodilo das planuras. Elabora-se a economia da nação a bico de pena, a compasso de engenharia, a retortas de químico (REGO, 1955, p.10 e 12).

Como se vê, a árvore do conhecimento é, então, explorada em seus frutos benditos. O olhar do guia-poeta reconhece outro uso, o uso construtor e altamente prolífico da ciência que há pouco havia servido à destruição justamente daqueles a quem, agora, José Lins observava beneficiar de forma positiva. Ele, sem as marcas infligidas na pele por obra da *Shoah*, podia observar como a ciência e a política comprometidas com a ética dirigiam o saber para a construção e para o bem de uma comunidade.

Frente ao “progresso” vertiginoso, contudo, José Lins hesita:

Diante de tanta renovação de atividade, cheguei a temer pela originalidade de uma civilização ameaçada pelo progresso absorvente. Não se transformaria Israel numa espécie de Suíça do Próximo Oriente? Isto é, uma sociedade altamente cultivada, sem, porém, o seu ‘charme’ particular? (...)

Levei estas minhas dúvidas a um amigo da terra e ele sorriu para me dizer: 'Tudo isso poderia nos acontecer se não fosse um livro que é o fundo poético de nossa alma. A Bíblia, que unificou o povo judeu na dispersão, é força para uni-lo na terra que reconquistou' (REGO, 1955, p. 23-4).

Desse modo, destaca-se o fato de que o progresso está intimamente ligado aos processos de massificação e de padronização dos espaços externos ou internos aos indivíduos. Afinal, o progresso criou os grandes desertos urbanos e se alastrava também ali, em Israel. Para se proteger de perseguições, expatriados por milênios e vagando em diásporas incessantes, os judeus precisavam sempre resistir para preservar sua vida e identidade diante do outro.

Dispersos, vez por outra, os judeus ainda são tomados como irregularidades e descontinuidades nas superfícies que se desejam planas e lisas. Também como dissidências para um projeto totalizante, como diferença inassimilável entre aqueles que desejam formar uma única nação-padrão (NASCIMENTO, 1999, p. 281). Eis, assim, um povo que resistiu ao maior massacre que a humanidade já presenciou resguardando ainda pela sua diferença peculiar. Diferença esta que o escritor nos mostra como sendo o que ele chamou de "charme" de um povo. José Lins do Rego levanta a pertinente questão de que essa diferença talvez pudesse estar em vias de extinguir-se.

Trata-se de uma reflexão perspicaz, pois aquele momento poderia ser apresentado como a melhor solução para preservar definitivamente a identidade judaica, intocável. Talvez, contudo, justamente por encontrar estabilidade e não precisar mais de lançar-se em resistência, no momento mesmo em que o povo de Israel se concebia vitorioso, sua identidade poderia estar em vias de dissolver-se no processo massificante próprio ao progresso e à globalização que ali encontrava lugar. O povo, escapando a condição diaspórica, que sempre o colocava como estrangeiro errante e o impelia a afirmar-se diante de forças hegemônicas, estaria, a partir de então, mais propenso a acomodar-se e a deixar-se assimilar.

A resposta que Lins do Rego concebe, no entanto, remete-lhe ao Livro dos livros. Eis a grande diferença daquele povo, reconhecida por ele próprio e jamais abandonada. Seja como objeto sagrado, seja pela incorporação milenar da tradição através da repetição de suas palavras e histórias, do Talmude, da Torá, entranhada no espírito de Israel, indica que é a pátria portátil, a condição residual da identidade judaica. Assim, para o escritor, a poeira que agitava as construções era sempre, também, a poeira de letras arcaicas. Seja ou não ficcional, a presença da Bíblia seria forte demais para não ser percebida naquele solo. Como no palimpsesto, ali, pisa-se uma superfície sob a qual outra e, debaixo desta, outra ainda, se escreveu pelas sagas de judeus e não judeus, mães e filhos, parentela e estrangeiros, perseguições e procuras, fome e saciedade, deslocamentos e paralisias. Tudo parecia pesar milenarmente sob os olhos atentos e sensíveis do escritor brasileiro.

É possível, portanto, vislumbrar em *Roteiro de Israel* duas facetas suplementares: uma é a poética, lírica, uma forma de olhar, de viver os caminhos percebendo-lhes os sabores de todas as peculiaridades as mais delicadas; fazendo perceber a imbricação de signos e coisas: o sol presente, que ardia em seu agora-turístico, uma tarde de agosto de 1955, como dia bom em terra sagrada, mas que presenciou, ardeu em diásporas e esquentou a moleira de crianças raquíticas e mães desesperadas: o sol e o solo como elementos concretos que atravessaram toda a história que então lhe atravessa. Outra é a faceta desperta, lúcida e crítica, apontando para questões de suma importância ética e política de como a construção de Israel envolve o interesse comum sem a compactação das diferenças; o empenho político do novo governo é apontado, desse modo, como exemplar; a ciência é vista em sua utilização construtora, dirigida para o bem edificante.

Para finalizar cito, ainda, uma última impressão:

As impressões do cronista podem ser superficiais, mas serão absolutamente isentas do desejo de agradar. Para muita gente, os judeus não estão criando nada de original, de sério, mas realizando um trabalho medíocre de colonização. O sionismo não passa de mais uma cavilação judia. Ora, para estes descrentes forrados de preconceitos anti-semitas, uma viagem aos desertos de Negev seria bastante para aluir-lhes as convicções. Cantariam aos seus ouvidos as fontes que cobrem de chuva as terras adustas, e aos seus olhos se estenderiam os trigais, os vinhedos, os roçados de algodão. A imagem árida do deserto se mudaria em oásis sucessivos. E para completar essa lição de energia e de fé eu os aconselharia a passar um dia inteiro num *Kibutz*, numa destas fazendas coletivas que para mim podem ser consideradas como a melhor solução que os homens de nossos dias encontraram para viver em paz com Deus e a consciência de cada um. Enfim, é preciso tomar Israel como lição (REGO, 1955, p. 8).

O *Roteiro* traça, assim, um caminho sob o solo de muitas camadas, sem que uma apague a outra, umas mais modernas, outras mais antigas; traça uma memória cujo princípio-guia não é a verdade objetiva e sim a questão política, do significado simbólico e real da construção daquele novo país como estratégia. José Lins do Rego não escreve um roteiro turístico, mas, sobretudo, literário, da alma de Israel e do espírito humano.

* **Glauber Pereira Quintão** é Filósofo, Mestrando em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos.

Nota

¹ “Se escrevo um alemão melhor que a maior parte dos escritores da minha geração, devo-o principalmente à observação, durante uns vinte anos, de uma regrinha. Ei-la: nunca usar a palavra ‘eu’ a não ser nas cartas” (BENJAMIN apud GAGNEBIN, 1994, p. 73).

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2005.
- NASCIMENTO, Lyslei de Souza. Genealogias judaicas na América Latina. In: MENDES, Eliana A. de M. & OLIVEIRA, Paulo M. & BENN-IBLER, Veronika (Org.). *Revisitações*. Edição comemorativa 30 anos. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1999.
- REGO, José Lins do. *Roteiro de Israel*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1955.